


**JORNAL OU TEMPLO? O PERIÓDICO CRUZEIRO E O IDEÁRIO DE IMPRENSA  
CRISTÃ NO MARANHÃO NAS DÉCADAS DE 1930 A 1950**

**NEWSPAPER OR TEMPLE? THE CRUZEIRO PERIODICAL AND THE IDEOLOGY OF  
CHRISTIAN PRESS IN MARANHÃO IN THE 1930s AND 1950s**

**¿PERIÓDICO O TEMPLO? EL PERIÓDICO CRUZEIRO Y LA IDEOLOGÍA DE LA  
PRENSA CRISTIANA EN MARANHÃO EN LAS DÉCADAS DE 1930 Y 1950**

 <https://doi.org/10.56238/arev8n2-011>

**Data de submissão:** 03/01/2026

**Data de publicação:** 03/02/2026

**Mirian Ribeiro Reis**

Doutora em História

Instituição: Universidade Estadual Paulista (Unesp)

E-mail: mirian.reis@hotmail.com

---

**RESUMO**

O objetivo deste artigo é a construção de um histórico do jornal Cruzeiro, periódico católico maranhense e importante veículo de informação regional, fundado em 1931 e extinto em meados da década de 60 com a finalidade de ser um veículo de divulgação da doutrina católica. Partindo do pressuposto de que os documentos escolhidos como fontes históricas não são “naturais”, mas surgem em uma época específica e com finalidades definidas, procuraremos perceber, qual contexto histórico propiciou a fundação deste periódico e o contexto social e político que “permitiu” sua emergência.

**Palavras-chave:** Igreja Católica. Imprensa Católica. Jornal Cruzeiro.

**ABSTRACT**

The objective of this article is to construct a history of the newspaper Cruzeiro, a Catholic periodical from Maranhão and an important regional information vehicle, founded in 1931 and discontinued in the mid-1960s with the purpose of disseminating Catholic doctrine. Starting from the premise that the documents chosen as historical sources are not "natural," but arise in a specific era and with defined purposes, we will seek to understand the historical context that fostered the founding of this periodical and the social and political context that "allowed" its emergence.

**Keywords:** Catholic Church. Catholic Press. Cruzeiro Newspaper.

**RESUMEN**

El objetivo de este artículo es construir una historia del periódico Cruzeiro, periódico católico de Maranhão e importante medio de información regional, fundado en 1931 y cesado a mediados de la década de 1960 con el propósito de difundir la doctrina católica. Partiendo de la premisa de que los documentos elegidos como fuentes históricas no son "naturales", sino que surgen en una época específica y con propósitos definidos, buscaremos comprender el contexto histórico que propició la fundación de este periódico y el contexto social y político que permitió su surgimiento.

**Palabras clave:** Iglesia Católica. Prensa Católica. Periódico Cruzeiro.

“Perguntam os curiosos: Templos ou jornais? Catedral ou diário?  
[...] não se há de dizer: *templo ou jornal*, mas *templo e jornal*. um  
ao lado do outro.<sup>1</sup>”

## 1 INTRODUÇÃO

### 1.1 A HISTÓRIA NOVA E UMA NOVA CONCEPÇÃO DE DOCUMENTO HISTÓRICO

Durante muito tempo, foi reservado ao historiador, o trabalho com temas e documentos voltados para o oficial. Este oficial, era visto dentro de um contexto de história política, sendo as fontes (oficiais) o meio pelo qual era permitido ao historiador a fazer historiográfico. De acordo com Burke<sup>2</sup>

[...] segundo o paradigma tradicional, a história deveria ser baseada em documentos. Uma das grandes contribuições de Ranke foi sua exposição das limitações das fontes narrativas - vamos chamá-las de crônicas e sua necessidade de basear a história escrita em registros oficiais emanados do governo e preservados em arquivos.

Conforme essa ótica, se a história era vista essencialmente como um relato político, os documentos pelos quais se deveria acionar esse passado, que a grosso modo era o passado dos estadistas, reis, nações ou guerras, etc; deveriam ser os documentos emanados do *centro do poder*. Diante disso, os tratados diplomáticos e documentos administrativos eram o material utilizado pelo historiador. Por isso a crítica ferrenha dos historiadores das primeiras décadas do século vinte, sobretudo os franceses, ligados ao movimento dos Annales.

[...] o movimento da história vista de baixo por sua vez expôs as limitações desse tipo de documentos. Os registros oficiais em geral expressam o ponto de vista oficial. ‘Para reconstruir as atitudes dos hereges e dos rebeldes tais registros necessitam ser suplementados por outro tipo de fonte’.<sup>3</sup>

Nesse aspecto, é significativo o fato que com as transformações ocorridas no âmbito da disciplina história, que se inicia já nas primeiras décadas do século vinte, mais que se prolonga até os dias de hoje, ocorre o que Le Goff chamou de uma *revolução documental*, ou seja, muda radicalmente de os historiadores conceberem os documentos históricos. É ainda Le Goff, quem nos fornece um panorama mais amplo das mudanças ocorridas no tocante as fontes documentais. Segundo esse:

[...] a história nova ampliou o campo do documento histórico; ela substituiu a história de Langlois e Signobos, fundada essencialmente nos textos, no documento escrito, por uma

<sup>1</sup> Jornal *Cruzeiro*. Caxias-MA, 10 out. 1943, p.1

<sup>2</sup> BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992, p. 13.

<sup>3</sup> Id., *ibid*.

história baseada numa multiplicidade de documentos: escritos de todos os tipos, documentos figurados produtos de escavações arqueológicas, documentos orais, etc.<sup>4</sup>

Percebe-se assim, que o movimento conhecido como história nova (LE GOFF, 1998) <sup>5</sup> ou história vista de baixo (SHARPE, 1992), ao mesmo tempo em que buscou inserir novas problemáticas no âmbito da pesquisa histórica, buscou também o alargamento da concepção de documento histórico. Com isso, *escritos de todos os tipos*, crônicas de viagem, romances, literatura de cordel, diários íntimos, notícias de jornais e até receitas culinárias, podem ser e são utilizados como *vestígios* do passado. Sem mencionar naqueles vestígios encontrados pela Arqueologia, que na onda da interdisciplinaridade representam materiais valiosíssimos para aqueles historiadores que se interessam pela história da cultura material.

De acordo com Sandra Pesavento<sup>6</sup>, com o advento da história cultural, o universo das fontes torna-se quase infinito “Uma ideia na cabeça uma pergunta suspensa nos lábios e o mundo dos arquivos diante dos olhos e das mãos”. Não obstante, esta ampliação vertiginosa do universo das fontes, a pesquisadora adverte: as fontes só são úteis na medida em que são interrogadas de maneira adequada pelo historiador. Para Pesavento<sup>7</sup>

As fontes são sem dúvida dados objetivos de um outro tempo, mas que depende do historiador para serem reveladas. Elas são a rigor, uma construção do pesquisador e é por elas que se acessa o passado, caso contrário, são apenas traços de um outro tempo, material velho, na melhor hipótese, vestígios de algo antigo e por isso sempre interessantes, a estabelecer estranheza do diferente diante da contemporaneidade [...] mas sem uma questão posta, sem a formulação do problema, não são fontes, na acepção íntima do termo: nascente, aquilo que origina ou produz, o que no caso da história, propicia uma suposta explicação.

Nas palavras de Sandra Jatahy Pesavento, percebe-se uma reviravolta radical na maneira de se conceber o documento histórico, de atestado de veracidade de um relato histórico de um passado distante, a fonte histórica, é agora ela mesma um produto que o historiador constrói, recorta e ordena a partir de suas necessidades. Diante disso, as fontes tradicionais, como tratados diplomáticos, correspondências oficiais, relatórios, anais, passam agora a serem iluminados por novos problemas. Nessa nova concepção metodológica, “nenhum fato histórico possui uma documentação consagrada que não possa ser substituída por outra, isto depende do olhar do próprio historiador e do tipo de história que gostaria de fazer” <sup>8</sup>.

<sup>4</sup> LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques . *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 18.

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2ª ed. Belo Horizonte- MG: Autêntica, 2004, p. 96.

<sup>7</sup> Id., *ibid.*, p. 98.

<sup>8</sup> ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *História: A arte de inventar o passado*. São Paulo: Edusc, 2007, p. 126.

Nesse contexto, o universo das fontes não-oficiais se mostra bastante enriquecedor e amplo para os estudos diversos tipos, assim testamentos, inventários, poemas etc. são de grande utilidade para as pesquisas historiográficas que privilegiam o mental e o cultural. Desse modo, Cadiou<sup>9</sup> conclui:

Finalmente, as fontes tradicionais, escritos de tipo narrativo sofreram um certo descrédito até 1980, embora desde 1960, os trabalhos de Philippe Ariés tenham chamado a atenção para as fontes “nobres” literárias e artísticas e em face do primado das fontes quantitativas. O interesse pelos textos, foi reativado através da história política, da expansão da história cultural e social e da análise do indivíduo. Um dos campos atuais mais inovadores é o estudo das fontes da esfera privada ou ego-documento, memórias, jornais ou correspondências.

Contudo, faz-se interessante observar que no mesmo momento em que novas fontes são consideradas “dignas” de serem utilizadas na pesquisa histórica, o exemplo mais notável são os testemunhos orais, há uma significativa revalorização da utilização de textos escritos e de pesquisa em arquivos. Segundo Barros<sup>10</sup> “Se o historiador do século XX ampliou seu conceito de fonte histórica para um mundo não textual de possibilidades também ampliou extraordinariamente os tipos de fontes com os quais o historiador irá lidar”.

Faz-se importante ressaltar que, se os limites textuais com que o historiador vai lidar se expandiu extraordinariamente, a postura deste em relação a esses mesmos textos mudou sensivelmente. Ressalta que até a segunda metade do século XIX, os tipos de textos arrolados nas pesquisas historiográficas eram vistos antes, como provas como testemunhos do passado de onde estes procurariam extrair informações mais ou menos diretas. Todavia, com as transformações ocorridas no campo da história, desde o início do século XX, mais que se acentuam nas últimas três décadas do século passado, os historiadores profissionais ou não, começaram cada vez mais a criticar essa forma de tratamento dado as fontes. Para Barros<sup>11</sup>:

Houve uma mudança na postura do historiador para com esses textos. Se antes os textos eram quase exclusivamente utilizados como testemunhos de onde os historiadores procuravam extrair informações mais ou menos diretas [...] hoje as fontes textuais são também decifrados em si mesmos.

Nesse sentido, para além de encarar as fontes utilizadas como provas de uma época, sendo a história uma mera narração de acontecimentos, os documentos utilizados na pesquisa historiográfica devem ser analisados enquanto discursos que revelam muito de uma época e de uma sociedade como também esconde inúmeros aspectos de maneira intencional ou não. Diante disto, a fonte, isto é, ou é

<sup>9</sup> CADIOU, François (et. all.). *Como se faz a História: Historiografia, método e pesquisa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 134.

<sup>10</sup> BARROS, José d' Assunção. *O campo da História. Especialidades e Abordagens*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004, p. 134.

<sup>11</sup> Idem.

o meio pelo qual os historiadores acessam os fatos históricos que deseja reconstruir ou ela própria e o objeto de análise. É o próprio texto, que se toma como análise que deve ser considerado enquanto discurso da época a ser decifrado, a ser compreendido, a ser questionado.

É importante ressaltar, que a segunda postura tornou-se cada vez mais hegemônica. Cada vez mais os historiadores, encaram as fontes textuais como discursos que devem ser avaliados, decifrados e questionados. Frisa-se, que esta mudança na forma de os historiadores trabalharem com fontes escritas, percebendo-as enquanto discurso se deve muito as contribuições das pesquisas realizadas por Michael Foucault. Foi ele, o primeiro a chamar a atenção dos historiadores para o papel ordenador que o discurso desempenha na sociedade. Na obra “A Ordem Do Discurso” (2007) ele argumenta<sup>12</sup>:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é o mesmo tempo controlada selecionada, organizada redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função configurar seus poderes e perigos dominar seu conhecimento aleatório, esquivar sua pesada e terrível maturidade.

O estudioso Foucault chamava a atenção para a necessidade de se atentar para a historicidade dos discursos e também dos objetos, já que segundo este, os *objetos históricos* são produzidos a partir de práticas discursivas.

Assim, com a ampliação vertiginosa do universo das fontes e com a tendência cada vez maior entre os historiadores de encará-las como discursos a serem analisados, os artigos de jornais apresentam-se como documentos de grande utilidade, na medida em que se configuram como as ideias e representações de indivíduos ou grupos sobre a realidade. A utilização de periódicos como documentos, é bastante recente, contudo, são inúmeros os trabalhos que lançam mão desse tipo de material como fonte histórica.

## 2 DESENVOLVIMENTO

### 2.1 O PERIÓDICO COMO FONTE HISTÓRICA

A utilização de periódicos como fonte, é um fato bastante antigo, contudo, no final da década de 1980 ocorreu uma revalorização desse tipo de material. Isso deve-se, ao fato de até então estar bastante arraigado no campo da pesquisa histórica, a ideia de que, para que o conhecimento histórico fosse reconhecido como científico, este deveria ser baseado em documentos, os mais objetivos possíveis. Segundo Luca<sup>13</sup>:

<sup>12</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: ed. Loyola, 2007, p. 9.

<sup>13</sup> LUCA, Tania Regina de. *Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos*. IN: PINSKY. Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 112.

Vários fatores explicam tal situação que não constituía particularidade brasileira. Não se pode desprezar o peso de certa tradição dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do XX, associada ao ideal de busca da verdade dos fatos que julgava atingível por intermédio dos documentos cuja natureza estava longe de ser irrelevante. Para trazer à luz o acontecido o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor da crítica textual precisa, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, dignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas do seu próprio tempo.

Nesse interim, a utilização de periódicos na pesquisa histórica, era pouco aconselhada para os historiadores do início do século passado, as fontes jornalísticas apresentavam-se como subjetivas, fragmentárias e tendenciosas. De acordo com Luca (2006), esta relutância por parte dos historiadores, em utilizar periódicos como fontes na pesquisa historiográfica perduraria até o início da década de 1980. Para historiadores como Glessisson, José Honório Rodrigues e Pierre Renouvim, a dificuldade de se descobrir as tendências e os interesses de grupos que permeavam as matérias jornalísticas, fazia com que a utilização de periódicos na pesquisa histórica fosse feita com reservas e apenas nos casos de total inexistência de fontes. Foi somente no início da década de 70, com o movimento da Nova história cultural, que esse tipo de fonte começa a ser introduzida na pesquisa, são as representações, os discursos, o simbólico e o imaginário, que a partir de agora constituem o cerne da pesquisa histórica. Para os historiadores ligados aos Annales, mais também para aqueles que privilegiavam os aspectos culturais: o caráter seletivo, subjetivo e tendencioso das fontes impressas, era mesmo o que deveria ser privilegiado. Conforme Neves<sup>14</sup>:

[...] o redimensionamento da imprensa como fonte documental - na medida em que expressa discursos e expressões de protagonistas, possibilitou a busca de novas perspectivas para análise dos processos históricos. Dessa forma, superou-se a perspectiva limitada de identificar a imprensa como formadora dos “fatos” e da “verdade”. “Deixaram-se também para trás posturas preconcebidas, que a interpretavam desdenhosamente, como mero veículo de ideias e forças sociais, que por sua vez era subordinada a estritamente a uma infra-estrutura socioeconômica”.

Nessa perspectiva, as fontes impressas despontaram como de extrema importância para a apreensão das representações construídas a cerca do mundo por uma determinada sociedade ou grupo. Por outro lado, as transformações urbanas em parte oriundas do processo de industrialização e que engendraram novas formas de sociabilidades não se furtaram ao olhar do historiador, que as pode perceber e analisar por meio da imprensa. Assim, a representação do urbano torna-se objeto

<sup>14</sup> NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira; MOREL, Marco Ferreira; FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C.(org.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 11.

privilegiado do historiador e as fontes impressas um meio eficaz de “captação” dessas representações. Para Luca<sup>15</sup>:

[...] A aceleração do tempo e o confronto com artefatos que compunham a modernidade (automóveis, bondes, eletricidade, cinemas) [...] A difusão de novos hábitos, aspirações e valores, as demandas sociais, políticas e estéticas das diferentes camadas que circulavam pelas cidades, os conflitos e esforços das elites políticas para impor sua visão de mundo e controlar as classes perigosas [...] tudo isso passou a integrar as preocupações dos historiadores que não se furtaram de buscar parte das respostas na imprensa periódica, por cujas páginas formularam-se, discutiram e articularam-se projetos de futuro.

Com esse posicionamento, percebe-se a emergência e a importância da utilização dos periódicos como fonte histórica. Uma vez que, a história, a cada dia se renova e traz para seu âmbito novas temáticas e problemáticas e são as representações e os sistemas de simbolização sobre o mundo que os historiadores pretendem “captar”, o periódico torna-se fonte privilegiada na medida em que traduz as ideias e as concepções de mundo de um determinado grupo social. É nesse sentido que o periódico *Cruzeiro* se apresenta como uma fonte privilegiada para se perceber as representações que a Igreja Católica e a elite caxiense construíram sobre a religiosidade popular.

## 2.1 O JORNAL CRUZEIRO NO CONTEXTO DE UMA IMPRENSA CRISTÃ

A imprensa católica no Brasil, surge ainda no período imperial, mais especificamente durante o Segundo Reinado e vincula-se diretamente ao movimento conhecido como movimento dos bispos reformadores. Consoante Azzi<sup>16</sup>:

Os periódicos católicos se multiplicaram nas diversas dioceses, durante o período imperial. Embora pouco deles tivessem duração superior a uma década, com frequência o desaparecimento de um periódico católico dava lugar anos depois ao ressurgir de um novo jornal com características análogas.

A cidade de Caxias no Maranhão, também pareceu se inscrever nesta tradição de um jornalismo de cunho religioso, sendo que, o periódico *Cruzeiro* não representou uma tentativa isolada de implantação de uma imprensa católica em solo caxiense. Encontra-se na obra de Medeiros<sup>17</sup> registros da existência em Caxias, de um periódico católico de nome CRUZ, “este fundado pelo padre Luis Brito para defender os interesses na igreja (sic), ao tempo da questão religiosa de 1875”. Em

<sup>15</sup> LUCA, Tania Regina de. *Op. cit.*, p. 120.

<sup>16</sup> AZZI, Riolando. A imprensa católica no Brasil. IN: \_\_\_\_\_. *Os Salesianos no Rio de Janeiro: a implantação da obra salesiana*. São Paulo: ed. Salesiana Dom Bosco, 1982, p. 221.

<sup>17</sup> MEDEIROS, Francisco Caldas. *Op. cit.*, p. 57.



Coutinho<sup>18</sup>, encontra-se registros da existência de um outro jornal de cunho religioso de nome A GRUTA DE LOURDES, que segundo o autor figurava como um jornal religioso e noticioso para as famílias dirigido por R. L. Macedo, criado no ano de 1908.

Observa-se nos autores citados acima, que não somente nos grandes centros, mais também, nas pequenas cidades como Caxias, sempre houve por parte da Igreja Católica uma preocupação em criar mecanismos de divulgação de seus princípios e ideias. Em que, a imprensa escrita representou um mecanismo de extrema eficácia na difusão desses pilares. De acordo com Azzi<sup>19</sup>

É a partir dessa época que os membros da hierarquia eclesiástica começam a enfatizar a necessidade da boa imprensa, ou seja, da imprensa de orientação católica contra a má imprensa que segundo eles, compreende não apenas as publicações de caráter ímpio e imoral como também as de teor liberal e ate mesmo as publicações religiosas das diversas denominações protestantes.

Constatou-se que, na cidade de Caxias a Igreja também sentia a necessidade de criar um periódico onde pudesse promover e divulgar as ideias oriundas do catolicismo como também combater o que consideravam práticas heterodoxas, o protestantismo, o comunismo ou as práticas de origem africanas, consideradas nocivas. É nesse contexto, que se encontra no *Cruzeiro*, vários artigos onde os articulistas louvam a iniciativa dos clérigos. A exemplo disso tem-se Joaquim Dourado e Gilberto Barbosa, que também enfatiza a importância do periódico no que consideram guerra do bem contra o mal. Como afirma Luca<sup>20</sup>, os “jornais e revistas não são nos mais das vezes obras solitárias, mas empreendimentos que reúnem um conjunto de indivíduos o que os tornam projetos coletivos, por agregarem pessoas em torno de ideias, crenças e valores que se pretende difundir através da palavra escrita”

É emblemático, o fato de que o citado periódico, durante os anos de circulação, mudara algumas vezes de subtítulo, deixando implícito a posição do jornal e de seus redatores. O jornal, sempre trouxera como título o nome *Cruzeiro*, contudo, durante os anos que tivera em circulação - início da década de 30 até meados da década de 60, com algumas interrupções em sua edição - mudaram algumas vezes de subtítulo. Em 1934, possuía com subtítulo órgão da LEC (Liga Eleitoral Católica): em 1936, passou a ser subtítulo como sendo órgão do grêmio Jackson Figueiredo. Na década de 40 encontra-se edições que trazem como subtítulo Órgão dos Paroquianos de Caxias.

<sup>18</sup> COUTINHO, Milson. *Caxias das aldeias altas: subsídios para sua História*. 2ª ed. São Luis- MA; Caxias- Ma: Prefeitura de Caxias, 2005, p. 319.

<sup>19</sup> AZZI, Riolando. *Op. cit.*, p. 22.

<sup>20</sup> LUCA, Tania Regina de. *Op. cit.*, p. 140.



Essa mudança, precisa ser contextualizada, haja vista que, os anos que correspondem a década de 30, o país passava por momento de convulsão política. O final do que ficou conhecido como República Velha, e a consequente Revolução de 30, fez o país passar por significativas mudanças, principalmente no referente a conjuntura política. Assim, a Igreja vislumbrava uma real possibilidade de aproximação com o novo bloco no poder, visto que fora excluída da proclamação da República. No tocante a Caxias, o subtítulo órgão da LEC, no principal veículo de informação da cidade<sup>21</sup> e órgão divulgador da doutrina da Igreja, parece demonstrar o interesse desta em intervir na realidade política e social, haja vista, que a LEC é apresentada como um grande movimento político-religioso e também social, mostrando que o clericalismo caxiense não se furtava de pensar os “problemas” reais ou imaginários que envolviam a sociedade local.

A partir de 1940, o jornal passa ter como subtítulo a frase: Órgão dos paroquianos de Caxias, trazendo também a epígrafe, *Deus, Pátria e Família* mostrando uma nova reorientação. As questões políticas não são todas abandonadas, o tom anticomunista se mantém ainda bastante presente, contudo, o discurso agora se concentrará naquilo que podese chamar de formação moral e cívica do sujeito caxiense. Uma disciplina religiosa, e uma moral cristã, parecem ser os pilares desse projeto normatizador. Outro ponto observado, é que a partir de agora, as questões mais pertinentes a Igreja são enfatizadas, entre essas, destaca-se a relação da Igreja com outras manifestações religiosas, como: o protestantismo e as crenças e práticas afro - brasileiras ganham um primeiro plano.

## 2.2 HISTÓRICO DO JORNAL CRUZEIRO

Fundado em 1931<sup>22</sup>, o jornal *Cruzeiro* nasceu como um projeto da Igreja Católica, cuja finalidade era criar um órgão oficial onde pudesse divulgar sua doutrina e ensinamentos em Caxias. Teve como fundadores, os clérigos Joaquim de Jesus Dourado e Gilberto Barbosa, sendo seus diretores o professor Leôncio Magno e Vicente Celestino.

A princípio, contava com uma tipografia relativamente moderna, sendo que os meios financeiros para a manutenção do periódico eram oriundos dos cofres da Igreja e de colaboradores locais: a pequena elite abastada e a classe média fervorosamente católica.

<sup>21</sup> De acordo com Antunes (2001, p.117), houve época em que o periódico *Cruzeiro* figurava como o único jornal de informação da cidade, vindo a suprir a lacuna deixada pelo seu antecessor “Jornal do Commercio”.

<sup>22</sup> Há divergências quanto à data de fundação do semanário *Cruzeiro*, encontra-se em algumas edições do jornal, artigos que apontam como sendo o ano de 1931, o ano de 1932 como também o ano de 1933, como sendo a data de fundação. Na literatura caxiense (Coutinho, 2005), encontra-se registros que datam como sendo 1931, o ano da fundação do periódico. Esta será a data privilegiada no trabalho.

O jornal se apresentava como genuinamente católico e é assim, que Antunes<sup>23</sup> define nas suas *Reminiscências*, para este o “jornal não tinha caráter sensacionalista e tampouco político, pois inútil dizer, era originalmente católico [...], contudo seus redatores e articulistas não se privaram de a partir de suas visões de mundo próprios, analisou-se a realidade social. Segundo Fausto<sup>24</sup> “[...] se as diversas dimensões religiosas e litúrgicas e a vida de oração espiritual continuam presentes na prática religiosa, os membros da Igreja não se abstiveram de tecer as mais diversas considerações a respeito da realidade nacional”.

No *Cruzeiro*, encontra-se diversos artigos que os articulistas analisam e debatem, os supostos males que assolam a sociedade nacional e local. Entre eles, o tema do comunismo ocupa o primeiro plano. Conforme Beozzo (1984), nos anos que correspondem às décadas de 30 e 40, constitui-se um momento crucial para a Igreja, pois, a partir de agora, ela que havia sido praticamente excluída do contexto político que dera lugar a República, era observada como uma possibilidade real de aproximação com as classes emergentes e com o novo bloco de poder. Por outro lado, esta enfrenta de modo crescente, a concorrência ideológica na orientação da pequena burguesia, com o integralismo e o socialismo que tende orientar as classes subalternas. O debate sobre a necessidade de um partido católico e sobre as formas de intervenção da Igreja na sociedade coloca-se de modo agudo.

Dentro dessa perspectiva, em Caxias a Igreja Católica também buscou mecanismos de intervenção na realidade política e social. O jornal *Cruzeiro*, apresentava-se como aquele instrumento onde o clero caxiense e a pequena elite local podiam analisar a realidade local e propor soluções para seus supostos males. É significativo, o fato que, até a segunda metade da década de 1930, o periódico trazia como subtítulo órgão da LEC- Liga Eleitoral Católica, mostrando o interesse da Igreja em participar das questões políticas e sociais da época. A questão do comunismo ocupava não somente as preocupações do clero caxiense, mais também havia uma ênfase no tocante as questões sociais (o tema pobreza é constante), questões familiares, principalmente no que diz respeito a desestruturação das famílias, os assuntos externos à instituição e a relação dessa com outras manifestações religiosas. Contudo, todas essas questões são pensadas a partir do foco das elites, seja ela leiga ou religiosa, sendo os lugares de sujeito desses redatores *o centro do poder*. Esses, na sua maioria, defendem modelos de comportamentos considerados integradores do ser humano na sociedade. Normas, que refletem em parte, a normas hegemônicas na sociedade. De acordo com Bourdieu<sup>25</sup>:

<sup>23</sup> ANTUNES, José. *Reminiscências Século XX*: Em tempos de Caxias. Rio de Janeiro: [s.n.] 2001, p. 119.

<sup>24</sup> FAUSTO, Boris. *História geral da civilização brasileira*: O Brasil Republicano: economia e cultura (1930-1940). São Paulo: Difel, 1984, p. 346.

<sup>25</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas*: o que falar que dizer. 2ª ed. São Paulo: editora da universidade de São Paulo, 1998, p. 88.

As características estilísticas da linguagem dos sacerdotes e professores e, de modo geral dos quadros de quaisquer instituições tais como a rotinização, a estereotipagem e neutralização derivam da posição ocupada num campo de concorrência por esses depositários de uma autoridade delegada [...]. O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes, e por meio de seu trabalho agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato [...].

Nessa ótica, a Igreja como instituição, funcionava e funciona como uma comunidade discursiva que agrega em um grupo de indivíduos que se reconheciam e reconhecem por um conjunto linguístico de códigos religiosos. Para esses indivíduos, a *produção da verdade* é uma exclusividade da instituição, por outro lado, as falas desses indivíduos representam o discurso da instituição a qual pertence. No caso do periódico *Cruzeiro*, esses autores representam as ideias e posições do clero caxiense durante o período analisado.

Todavia, havia no *Cruzeiro* espaço para colaboradores leigos, contudo estes faziam parte da pequena elite local, financeira e intelectual. Observa-se isso, na descrição que Coutinho faz do periódico:

Periódico católico “Órgão dos Paroquianos de Caxias”. Foram seus diretores Vicente Celestino e Leônicio Magno. Circulou a partir de 1931. Em 1943 ainda se liam belos exemplares dessa folha que agasalhavam as melhores inteligências caxienses entre as quais Mons. Arias Cruz, Pe. Gentil de Moura e outros.<sup>26</sup>

Na cidade de Caxias, como no Brasil do período colonial, ainda no início do século XX, as elites econômicas, políticas e religiosas mantinham laços bastante estreitos. Esse fato evidenciado pelo fato de alguns dos mais importantes e assíduos colaboradores do jornal *Cruzeiro*, Monsenhor Arias Cruz, pertencer a uma das famílias mais *ilustres* da cidade, a tradicional família Dias Carneiro, que segundo Coutinho<sup>27</sup> : “era rica em grandes nomes da cultura maranhense”. Sendo seu pai um proeminente empresário local, o Sr. João da Cruz. Já Padre Gentil Moura, outro assíduo colaborador do *Cruzeiro*, possuía uma alta formação intelectual, era jornalista, latinista, estudara Filosofia e Teologia, nos seminários de Teresina e Fortaleza, chegando mesmo a ser bispo interino da Diocese de Caxias.

Por outro ângulo, esses sujeitos representavam, o corpo intelectual local, haja vista, que estudaram nas melhores *escolas* e seminários do país. Eram eles, os responsáveis por criar e organizar os veículos de informação local, que no início do século XX, eram predominantemente escrito. Segundo Priore<sup>28</sup>:

<sup>26</sup> COUTINHO, Milson. *Op. cit.*, p. 34.

<sup>27</sup> COUTINHO, Milson. *Caxienses ilustres*. Rio de Janeiro: Lithograf, 2002, p. 68.

<sup>28</sup> PRIORE, Mary. (org.). *Histórias das mulheres no Brasil*. 7ª ed. São Paulo: Contexto 2004, p. 282.

Na redação desses jornais destacavam-se os homens que compunham o judiciário, chefiava a política, o exército, a administração, os que decidiam sobre a educação, faziam sermões religiosos, votavam e eram eleitos, enfim aqueles que participavam dos órgãos político-administrativos. Eles eram ao mesmo tempo os redatores e leitores dos principais jornais da cidade, prescreviam as formas de ser distinto e civilizado.

Contudo, a grande aceitação do periódico pela sociedade leitora caxiense, não se deve apenas aos recursos tecnológicos disponíveis na produção do jornal, mas também, do *gabarito* intelectual ou econômico de seus redatores.

As sociedades e as ideias que nelas circulam são organizadas por um mesmo movimento o qual se distribui em regime de manifestações (econômicos, social, científico etc.) que constitui entre si funções imbricadas, mas diferenciadas das quais nenhuma é realidade ou causa das outras. Dessa forma os sistemas socioeconômicos e os sistemas de simbolização combinam-se sem identificar-se nem hierarquizar-se.<sup>29</sup>

A posição em que os falantes ocupam na sociedade faz-se importante para que seus discursos e ideias sejam *assimilados* pelos leitores do periódico, as crenças, os valores, visões de mundo compartilhados por esses indivíduos, contribui de maneira incisiva para uma maior aceitação desses princípios e ideias. Nessa perspectiva, a forte tradição católica arraigada no seio da sociedade caxiense, mais particularmente de uma pequena elite conservadora faziam com que os temas, as linguagens fossem bem recebidas pelos leitores do periódico, até porque, estes vinham revestido de um forte teor religioso segundo Gnerre<sup>30</sup> :

As regras que governam a produção apropriada dos atos de linguagem levam em conta as relações sociais entre o falante e o ouvinte [...] a presença de tais regras é relevante não só para o falante, mas também para o ouvinte, que com base em tais regras pode ter alguma expectativa em relação a produção linguística do falante.

No jornal *Cruzeiro*, eram as concepções de mundo da elite caxiense que se viam representadas, essas representações eram também compartilhadas pelos leitores do periódico, haja vista que, eram consideradas as relações sociais entre o falante e ouvinte. Percebe –se com isso, que se trata de uma *relação horizontal, onde estes partilhavam dos mesmos princípios* e lugares sociais são católicos elitistas, conservadores e burgueses. Nas páginas do jornal *Cruzeiro*, não há espaços para as manifestações das camadas populares, ou quando há, elas são traduzidas de maneira bastante negativizada pelos articulistas do citado periódico.

É interessante observar, a estrutura desse noticioso, o qual apresenta, uma coluna social onde se destaca o cotidiano das mais proeminentes figuras locais. Assim, casamentos, batizados,

<sup>29</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994, p. 21.

<sup>30</sup> GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 6.

aniversários de indivíduos locais (ressalta-se muito o clã) sempre ganham espaço no noticiário local, principalmente se está envolto em um ritual católico, uma missa em ação de graça ou um terço por exemplo. Os eventos políticos, também são registrados, com destaque, principalmente quando o poder espiritual se faz presente, foi o caso do descerramento de um crucifixo na câmara municipal, pela mais alta figura da Igreja na cidade, o bispo D. Luis Marelím, registrado com grande ênfase em uma edição do jornal de 1943, mostrando ao corpo social, a estreita relação entre os poderes civil e religioso.

Entretanto, havia também outros fatos registrados na coluna social, como a passagem de visitantes ilustres, pela cidade, principalmente autoridades políticas como, por exemplo, a edição de 9 de outubro de 1937 registrando a visita e o regresso do prefeito de Picos no Piauí e do Sr. João Padilha descrito como sócio de uma renomada livraria de São Luís.

O periódico não apresentava uma página policial, propriamente dita, para registros de ocorrências, todavia, encontrou-se pequenas *notas*, onde são registrados algumas ações ilícitas ou crime praticados por alguns indivíduos. É assim, que a edição de 9 de outubro de 1943 registra a apreensão feita pela polícia de uma grande quantidade de armas que, segundo o articulista, seriam levados para o Estado da Paraíba. Contudo, os crimes mais comentados eram aqueles que ofendiam os princípios religiosos e os valores morais fortemente arraigados na tradição católica da sociedade local. Nesse sentido, a edição de 21 de junho de 1947, um cronista, registra indignado o estupro de duas jovens menores pelo pai e pelo cunhado respectivamente. Dentre as causas citadas para ocorrência do crime, são elencadas: o analfabetismo reinante nas camadas pobres, a falta de uma educação moral, que cultivasse nos espíritos menos elevados os valores religiosos e as mudanças na educação familiar que para o articulista é moderna e promíscua.

No tocante as sociabilidades, destacava-se as festas, principalmente aquelas de cunho religioso, como os festejos da cidade. Esses são exaustivamente anunciados, geralmente tomam uma página inteira do jornal. Muitas vezes, seguido de uma pequena biografia do santo festejado, provavelmente na tentativa de introduzir o fiel nos assuntos mais profundo da fé, haja vista que, para o clero católico, a religiosidade popular manifesta-se deturpada. Nesse contexto, enfatiza-se muito o caráter teatral e exterior do catolicismo popular.

Existia no periódico espaço para assuntos mais gerais como anúncios comerciais, publicações de editais e notas de utilidade pública etc., não havia colunas para entretenimento como horóscopo (afinal trata-se de um jornal religioso), nem publicações de charges. Todavia, o que predominam no discurso do jornal *Cruzeiro*, são as práticas e os pensamentos católicos, principalmente aquela

emanada da hierarquia. É assim, que se encontrou em todas as edições pesquisadas, artigos que retratam as ações e o pensamento da oficialidade católica em nível local, nacional e até mundial.

Ressalta-se, que, no início do século XX, a Igreja Católica passava por um processo de reorganização do catolicismo brasileiro conhecido como romanização. Nessa perspectiva “Os discursos do clero foram tomados como emblemáticos de toda a posição da Igreja, partindo do pressuposto de que o bispo encarnava a instituição<sup>31</sup>”.

No jornal *Cruzeiro*, é perceptível essa postura em seus redatores, visto que, inúmeros os artigos que trazem reproduzidos as falas e pensamentos da alta oficialidade católica, inclusive do próprio Papa. São comuns, os artigos que trazem os pronunciamentos do pontífice romano sobre diversas questões entre elas: a “nocividade” do comunismo e a importância dos órgãos de atuação no interior da sociedade como a ação católica e uma imprensa cristã, no que consideram guerra do bem contra o mal, representado pelo comunismo, protestantismo, ateísmo e toda e qualquer prática religiosa de se forje fora dos limites do catolicismo.

Mediante o exposto, o jornal, não divergia dos outros órgãos de informação existente no período, combatendo às manifestações religiosas populares, principalmente aquelas de referência africanas, o alvo predileto seriam as práticas mágicas e curandeirísticas, denominadas ali, de feitiçaria e ligados diretamente ao charlatanismo e a desordem. É sobre essa visão dos redatores do *Cruzeiro* sobre esse tipo específico de religiosidade popular, que tratará o capítulo seguinte.

---

<sup>31</sup> SANTOS, Lyndon de Araújo. *As outras faces do sagrado: protestantismo e cultura na primeira República brasileira*. São Luís: Edufma, 2006, p. 93.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. História: A arte de inventar o passado. São Paulo: Edusc, 2007.
- ANDREWS, Georgs. América afro-latina (1800-200). São Carlos: Educar, 2007.
- ANTUNES, José. Reminiscências Século XX: Em tempos de Caxias. Rio de Janeiro: [s.n.] 2001.
- AZZI, Riolando. A imprensa católica no Brasil. IN: \_\_\_\_\_. Os Salesianos no Rio de Janeiro: a implantação da obra salesiana. São Paulo: ed. Salesiana Dom Bosco, 1982.
- BARROS, José d' Assunção. O campo da História. Especialidades e Abordagens. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- BASTIDE, Roger. As religiões africanas no Brasil. 2ª ed. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli e Cia. Ltda., 1960.
- BLOCH, Marc. A apologia da História: o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2001.
- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas lingüísticas: o que falar que dizer. 2ª ed. São Paulo: editora da universidade de São Paulo, 1998.
- BURKE, Peter (org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Unesp, 1992.
- CADIOU, François (et. all.). Como se faz a História: Historiografia, método e pesquisa. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- CARDOSO, José Ribamar. Aspecto religioso afro- brasileiro na cidade de Caxias. Academia Caxiense de Letras, 1992.
- CERTEAU, Michel de. A escrita da História. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- \_\_\_\_\_. A invenção do cotidiano: artes de fazer. 7ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.
- CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações, Rio de Janeiro: Difel, 1990.
- COUTINHO, Milson. Caxienses ilustres. Rio de Janeiro: Lithograf, 2002.
- \_\_\_\_\_. Caxias das aldeias altas: subsídios para sua História. 2ª ed. São Luis- MA; Caxias- Ma: Prefeitura de Caxias, 2005.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. A ordem do discurso. São Paulo: ed. Loyola, 2007.
- \_\_\_\_\_. Vigiar e Punir: O nascimento da prisão. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.



GNERRE, Maurizio. Linguagem, escrita e poder. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HOBBSAWN, Eric; RANGER, Terence. A invenção das tradições. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUNT, Lynn. A nova História Cultural. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ISAIA, Artur Cesar. Loucura Coletiva. In: Revista de História da Biblioteca Nacional. 38ª ed, jun/08, p -20-25.

KOGURUMA, Paulo. Conflitos do imaginário: a reelaboração das práticas e crenças afro- brasileira na “metrópole do café”- 1890-1920. São Paulo: Anablume- Fapesp, 2001.

LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques. A História Nova. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LE GOFF, Jacques. História e Memória. 4ª ed., Campinas, SP: Unicamp, 1996.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY. Carla Bassanezi (org.). Fontes Históricas. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MAGGIE, Ivonne. O arsenal da macumba: os objetos de feitiçaria recolhidos pela polícia ao longo do século XX. IN: FIGUEIREDO, Luciano. (org.). Raízes africanas. Rio de Janeiro: Sabin, 2009.( Coleção Revista de História no Bolso, v.6).

MEDEIROS, Francisco Caldas. Aconteceu em Caxias. (relatos históricos) 2ª ed. Caxias: Academia Caxiense de letras, 2005.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira; MOREL, Marco Ferreira; FERREIRA, Tânia Maria Bessone da C.(org.). História e imprensa: representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e História Cultural. 2ª ed. Belo Horizonte- MG: Autêntica, 2004.

SALAZAR, Conceição de Maria Oliveira. A representação da família caxiense através do discurso do Jornal Cruzeiro na década de 40 - (monografia de História) Caxias-MA, 2009.

Jornal CRUZEIRO. Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico Caxiense e da Biblioteca Pública Benedito Leite. São Luís- MA.